# TURISMO DE AVENTURA E A DEFICIÊNCIA VISUAL

Denise Holleben

Nândri Cândida Strassburger

**RESUMO:** A atividade turística requer que se delimitem as especificidades e características de cada segmento. Para alguns teóricos, o Turismo de Aventura é uma derivação do Ecoturismo, bem como o Turismo de Esportes. Importante também é entender que, sobre a ótica do turista, o interesse social concentra-se no turista em si. A pesquisa tem como tema o Turismo de Aventura praticado pelo deficiente visual. O estudo teve como participantes portadores de deficiência visual. Sob perspectiva do paradigma qualitativo, utilizou-se a metodologia descritiva do tipo estudo de caso. A pesquisa de campo foi realizada no Alpen Park, na cidade de Canela/RS, local em que são oferecidas atividades de Turismo de Aventura. Os resultados apontam que o turismo de aventura é uma atividade adequada aos deficientes visuais proporcionando-lhes satisfação e bem estar na superação.

**Palavras-chave:** Turismo; Turismo de Aventura; Deficiência Visual.

**ABSTRACT:** The tourist activity requires that delimit the specificities and characteristics of each segment. For some theorists, the Adventure Tourism is a derivation of Ecotourism and the Sports Tourism. It is also important to understand that, on the view of the tourist, the social interest focuses on the tourist. The research has as its theme the Adventure Tourism practiced by the visually impaired. The study participants as having low vision. Under the perspective of qualitative paradigm, we used the descriptive methodology of case study. The field research was conducted at the Alpen Park in Canela / RS, where they Adventure tourism activities are offered. The results show that adventure tourism is an appropriate activity for the visually impaired by providing them with satisfaction and well-being to overcome.

**Keywords:** Tourism; Tourism Adventure; Visual Impairment.

## INTRODUÇÃO

O turismo por muito tempo foi atividade de lazer para as pessoas de bom nível sócio-econômico, sendo pouco acessível para as pessoas de menor poder aquisitivo. Este posicionamento veio mudando com o passar dos anos. O turismo no mundo, mais do que uma alternativa de lazer para a elite, passou a se constituir em uma atividade econômica importante para as localidades, regiões e países.

Contudo, a atividade turística requer que se delimitem as especificidades e características de cada segmento que englobam, uma vez que o marco conceitual é limitado e pouco abrangente. Para alguns teóricos, o Turismo de Aventura é uma derivação do Ecoturismo, bem como o Turismo de Esportes.

Importante também é entender que, sobre a ótica do turista, o interesse social concentra-se no turista em si, como um sujeito pertencente a determinados grupos e este pertencimento é que gera a segmentação.

No Código Mundial de Ética do Turismo observa-se que uma das finalidades do turismo é promover a atividade de forma responsável, sustentável e acessível a todos. Sendo assim, os Deficientes Visuais - DVs estão inseridos neste contexto como tantos outros grupos minoritários que devem ser contemplados pela atividade turística.

Pesquisar a relevância do Turismo de Aventura para os DVs, além do desafio profissional que se apresenta, foi a oportunidade encontrada para contribuir na produção do conhecimento sobre o Turismo para Pessoas Especiais, mais especificamente, para os portadores de deficiência visual.

A princípio, quando falamos de Turismo de Aventura para Deficientes, pensamos logo nas limitações. Superação talvez seja a palavra que mais traduza a prática de Turismo de Aventura para estas pessoas, pois qualquer indivíduo pode e deve constantemente se superar, inclusive o indivíduo portador de deficiência. Existe uma grande quantidade de atividades na natureza que podem ser praticadas por uma pessoa com deficiência.

Apesar de alguma limitação dos DVs, é possível manter uma vida saudável e encontrar a felicidade através da atividade ao ar livre, inclusive através da segmentação do turismo de aventura. E quando falamos de atividades praticadas junto à natureza, esse benefício se potencializa. Qualquer que seja a deficiência, sempre haverá alguma atividade de aventura possível de ser praticada, cujos benefícios sociais são evidentes do ponto de vista da integração e das oportunidades.

Considerando o objeto de estudo e o contexto que se investigou, formulou-se o seguinte problema: Qual a percepção pessoal do deficiente visual quando pratica turismo de aventura nas modalidades de Arvorismo, Escalada, Rapel e Tirolesa?

O estudo teve como participantes portadores de deficiência visual. Sob perspectiva do paradigma qualitativo, utilizou-se a metodologia descritiva do tipo

estudo de caso. A pesquisa de campo foi realizada no Alpen Park, na cidade de Canela/RS, local em que são oferecidas atividades de Turismo de Aventura.

Quanto à organização, este estudo se apresenta da seguinte forma: na seção 2 apresenta-se a revisão de literatura sobre: a) turismo de aventura, b) a cegueira na perspectiva teórica de Lev Semiónovic Vygotski ,e c) percepção e turismo; na seção 3, é apresentado os procedimentos metodológicos utilizados; e, na seção 4 exibem-se as considerações finais, as implicações acadêmicas deste estudo e as sugestões para futuras pesquisas.

Os resultados do estudo devem ser interpretados única e exclusivamente em relação ao contexto do estudo, sem intenção e pretensão de generalizar os achados, uma vez que as modalidades do Turismo de Aventura ainda são pouco difundidas como produtos voltados aos portadores de deficiências visuais.

## TURISMO DE AVENTURA

O Turismo de Aventura é mais uma modalidade da atividade turística, de acordo com o Relatório Diagnóstico do turismo de Aventura (2005) a atividade é definida como:

> o segmento de mercado turístico que promove a prática de atividades de aventura e esporte recreacional, em ambientes naturais e espaços urbanos ao ar livre, que envolvem riscos controlados exigindo o uso de técnicas e equipamentos específicos, adoção de procedimentos para garantir a segurança pessoal e de terceiros e o respeito ao patrimônio ambiental e sócio-cultural (p.10).

Esta definição foi inicialmente aceita e utilizada no Brasil como produto da Oficina para a Elaboração no Plano Nacional de Desenvolvimento Sustentável do Turismo de Aventura, realizada em Caeté, Minas Gerais, em abril de 2001. Estas informações constam no Relatório Diagnóstico do Turismo de Aventura publicado pelo Ministério do Turismo (2005).

O Diagnóstico Relatório do Ministério do Turismo (2005) enfatiza que as atividades de turismo de aventura são aquelas oferecidas comercialmente, usualmente adaptadas das atividades esportivas de aventura, que tenham ao mesmo tempo o caráter recreativo e envolvam riscos avaliados, controlados e

assumidos. O grifo é feito com objetivo de destacar que o Ministério do Turismo sinaliza que a atividade de turismo de aventura está ancorada como um produto que é comercializado, o que justifica regulamentação, normatização e certificação, conforme ocorre atualmente no Brasil por iniciativa do Ministério do Turismo.

Esse Relatório serviu de referência ao impresso do Ministério do Turismo sobre o Turismo de Aventura, publicado em 2006, cujo documento considera que este segmento deve ser entendido como uma atividade associada ao Ecoturismo, que possui características próprias, sejam elas estruturais ou de consistência mercadológica. No referido impresso consta também que o Turismo de Aventura "compreende os movimentos turísticos decorrentes da prática de atividades de aventura de caráter recreativo e não competitivo" (p.9). De acordo com a Associação Brasileira de Empresas de Turismo de Aventura - Abeta, as características básicas das atividades de Turismo de Aventura apresentam variáveis como diversidade (1), riscos controláveis (2) e participação e interação (3). Diversidade no sentido da variedade de atividades de aventura e de locais das respectivas práticas. Riscos controláveis no sentido que podem variar de intensidade, conforme a exigência de cada atividade, capacidade física e psicológica do turista, pois a segurança é um dos requisitos imprescindíveis para realização da atividade turística de aventura. Participação e interação porque a atividade de aventura favorece o estreitamento da relação positiva entre os turistas, dos turistas com o guia e o condutor, e do turista com o meio ambiente.

Tendo como referência que o Turismo de Aventura utiliza três elementos da natureza para oferecer os produtos: terra, água e ar. A investigação realizada ficou limitada a uma reduzida população alvo portadores de Deficiência Visual e ao Arvorismo, Escalada, Rapel e Tirolesa utilizados como atividade de aventura na pesquisa.

a) *Arvorismo* é a locomoção por percurso em altura, instalado em árvores e outras estruturas construídas.
b) *Escalada* é ascensão de montanhas, paredes artificiais, blocos rochosos utilizando técnicas verticais.

c) *Rapel* é a técnica vertical de descida em corda. Por extensão, nomeiam-se, também, as atividades de descida que utilizam essa técnica.
d) Tirolesa como os deslizamentos entre dois pontos afastados horizontalmente em desnível, ligados por cabo ou corda.

É importante destacar que as publicações pertinentes ao Turismo de Aventura, ao Ecoturismo e ao Esporte de Aventura no Brasil, tiveram um grande impulso a partir de 2004.

Farah (2005) afirma atividades como o Arvorismo, Escalada, Rapel e Tirolesa estão entre os elementos da natureza (terra) mais oferecidos no Brasil. Todavia, a autora não apresenta argumentos ou referências científicas que atestem suas afirmações. A autora também faz uma discussão conceitual entre o Turismo de Aventura e outras segmentações como o Ecoturismo e o Turismo Esportivo. Sua opinião é que o Turismo de Aventura vai além de uma prática esportiva e que o Ecoturismo é praticado apenas na natureza. Entende a autora que o mesmo não acontece com a atividade de aventura. Isto significa que uma atividade desse tipo pode ser realizada num ambiente artificial, como Parede de Escalada ou Torre de Rapel, ao ar livre ou “in door”.

Para Swarbrooke (2003), o termo aventura é evocativo para muitas pessoas, pois quando se ouve esta palavra, nossa mente é inundada por diversas imagens e associações. O autor afirma ainda, que as características ou qualidades fundamentais da aventura são: resultados incertos, perigo e risco, desafio, expectativa e recompensa, novidade, estímulo e, por último, exploração e descoberta. Machado (2005) é de opinião que a atividade de aventura não se resume ao momento de sua prática. Ela tem alto índice de preparação, a expectativa do que será realizado, dos riscos, da sensação de se estar buscando a superação de medos e limites e a possibilidade de satisfação com a conquista de algo diferente. E tudo isso em contato direto com o ambiente natural onde a descoberta dos valores mais íntimos se manifesta de forma mais aguçada e prazerosa.

Millington (2001) define turismo de aventura como uma atividade de lazer que ocorre em um destino original e exótico, remoto ou selvagem. Diz o autor que tem de estar associado aos altos níveis de atividade do participante, especialmente

em ambientes livres, onde o viajante tem a expectativa de enfrentar vários níveis de risco, emoção, tranquilidade e de ser pessoalmente testado, sempre na busca do desafio pessoal.

A análise crítica dos conceitos anteriormente discutidos permite que se conclua que o conceito de Turismo de Aventura, na opinião de Machado (2005), é estendido, já que considera não somente as sensações provocadas pela atividade em si, mas a preparação e os sentimentos *a posterior*. A prática do Turismo de Aventura oportuniza uma relação estreita entre o turista e o meio ambiente, e daquele com os guias e especialistas que acompanham o turista na aventura.

O Turismo de Aventura tem despertado muito interesse por parte de alguns segmentos sociais, principalmente aqueles preocupados com as questões ambientais. Percebe-se um impulso ético de mudança de atitude em relação ao próximo e ao meio ambiente, uma necessidade de aprender com o outro, de respeitar a diversidade em todas suas manifestações sejam elas físicas, afetivas, culturais ou ambientais. Os participantes deste projeto de pesquisa não são os turistas que buscam esse tipo de turismo, mas pessoas portadoras de deficiência visual que buscam nesta atividade apenas uma oportunidade de lazer ao ar livre.

## A CEGUEIRA NA PERSPECTIVA TEÓRICA DE LEV SEMIÓNOVIC VYGOTSKI

O relevante do pensamento de Vygotski (1997) é a contemporaneidade de seu pensamento, desafiando os pesquisadores e estudiosos a refletir a partir de uma visão global de desenvolvimento humano, e por extensão, entendendo os problemas cruciais das deficiências, suas consequências sociais.

Outro aspecto relevante a ser destacado foi que seus estudos foram realizados no primeiro terço do século XX, e sua perspectiva teórica permite que se tenha uma compreensão sobre as conseqüências e complexidades da pessoa cega. Todavia, sua abordagem deve ser compreendida em relação à cegueira congênita.

Vygotski teorizou que na psicologia dos cegos, como em qualquer ciência, é possível haver equívocos, mas sustentou que havia somente um caminho para compreensão. A idéia consiste que na cegueira não é somente a falta de visão, que deve ser foco de estudo, mas, sobretudo, que ela provoca uma reestruturação muito

profunda de todas as forças do organismo e da personalidade da pessoa atingida pelo problema.

Consequentemente, na perspectiva vigotskiana, a cegueira não é somente um defeito, uma deficiência, uma debilidade, mas em certo sentido, uma fonte de revelação de aptidões, uma vantagem, uma força, por mais estranhas que essas afirmações possam ser. Sua tese se fundamenta em três etapas fundamentais, a orientação, a tendência e o desenvolvimento. Segundo Vigotski a 1ª etapa designada, como mística, a 2ª como ingenuamente biológica e a terceira como moderna, científica ou sociopsicológica como preferia caracterizar.

A primeira época abarca a antiguidade, a Idade Média e uma parte considerável da história moderna. Os vestígios da antiguidade ainda são visíveis, decorrentes ainda de opiniões populares sobre o cego, mas sempre estiveram presentes nas lendas, fábulas e provérbios. Nessa época se via a cegueira como uma enorme desgraça. O cego era considerado indefeso, desvalido e abandonado. Havia uma convicção geral que os cegos desenvolviam forças místicas e superiores da alma, que resultava em acessibilidade ao conhecimento espiritual e a visão espiritual.

No plano teórico, Vygotski sustenta que uma nova concepção passou a predominar, essa de cunho biológico, ou seja, a teoria da substituição dos órgãos dos sentidos. Segundo essa concepção, a perda de uma função de uma das modalidades perceptivas, se compensa com o funcionamento e o desenvolvimento acentuado de outro órgão. Esse estudioso sustenta que viu essas teorias como mais uma lenda. A teoria se baseava em observações e fatos verídicos da vida dos cegos, mas entende que estavam falsamente interpretados. Uma série de estudos científicos que foram realizados demonstraram como um fato indiscutível que não existe nos cegos um desenvolvimento acentuado das funções do tato e do ouvido, que, pelo contrário, estas funções costumam estar desenvolvidas nos cegos em menor medida que nos videntes.

A teoria da compensação de concepção fisiológica resultou ingênua e falsa para Vygotski, e acabou cedendo lugar a outra teoria, embora tenha proporcionado grandes avanços em direção ao conhecimento científico sobre a cegueira. Diz o autor, que pela primeira vez, com o critério da observação científica e da

experiência, abordou-se o fato de que a cegueira não é somente um defeito, uma insuficiência, mas que também origina e põe em ação novas forças, novas funções e cumpre certo labor orgânico criativo. Ainda que a nova teoria tampouco possa indicar em que consiste exatamente esse labor.

A educação e a instrução dos cegos nessa época foram de singular relevância, diz Vygotski, uma vez que um ponto do alfabeto Braille fez pelos cegos aquilo que outros tantos fatores não foram capazes de fazer. A possibilidade de ler e escrever resultou mais importante que "o sexto sentido" e a sutileza do tato e do ouvido.

Sob o ponto de vista da psicologia é sustentado a muito tempo que o cego não vê o mundo igual a um vidente com os olhos fechados, isso significa que o cego somente sente seu defeito de forma indireta, decorrente das consequências sociais. Aqui cabe uma reflexão aos interessados pelo tema da cegueira, é importante entender a teoria contextualizada com o tipo de cegueira. Não é a mesma coisa uma cegueira congênita e outra adquirida. Essa última também pode apresentar-se com diferentes matizes.

Vygotsky entendia que o desafio frente à cegueira deveria ser pautado por três estratégias: a profilaxia social, a educação social e o trabalho social para os cegos, uma vez que o problema se apresenta como sócio-psicológico, e não como biológico ou de qualquer outra ordem. Sua opinião era que a ciência contemporânea deveria conceder aos cegos o direito ao trabalho social não em formas humilhantes, filantrópicas, mas em formas que respondam à autêntica essência do trabalho, uma vez que essa é a única capaz de criar para a personalidade a necessária posição social.

## PERCEPÇÃO E TURISMO

A carga de informações, as regras e os valores, os fatores sócio-econômicos, são determinantes no momento da tomada de decisão. A cultura de cada povo não é menos importante e vai orientar o comportamento do indivíduo. Pérez-Nebra e Torres (2002) falam que a cultura engloba vários elementos que predispõem os indivíduos a optarem por comportamentos mais apropriados à sua

realidade. Um desses elementos é exatamente o sistema de valores de um grupo social.

Gastal (2005) nos traz o conceito de imagens e imaginário para tentar explicar o fenômeno do processo turístico. Segundo a autora, as imagens dizem respeito ao que se tem, efetivamente, em relação a um destino. Já o imaginário tem a ver com os sentimentos que são despertados por este ou por aquele local. Mais uma vez, a linha se aproxima, já que o imaginário vai ser influenciado pelos valores de cada sujeito. As imagens podem ser representativas, aquelas que registram realisticamente aspectos figurativos dos objetos. A autora diz que o imaginário agrega sentimentos, lembranças, experiências, visões do real, leituras de vida e, através de um mecanismo individual/grupal, sedimenta um modo de ver, de ser, de agir, de sentir e aspirar estar no mundo.

Cada cultura é possuidora de um conjunto de normas de conduta, comportamentos que se relacionam aos valores dos povos. De acordo com os valores de cada cultura, alguns aspectos são considerados mais ou menos favoráveis.

Pérez-Nebra e Torres (2004) são de opinião que os valores individuais e culturais em conjunto com a comunicação de massa costumam predizer a imagem do destino do turista. Segundo esse modelo, as variáveis, de comunicação de massa e imagem do destino, valores estão correlacionados com a decisão de viajar, uma vez que a decisão está intrinsecamente associada à imagem do destino. A experiência da imagem do destino se relacionaria *a posteriori* com a satisfação do cliente, que também é influenciada pelos valores individuais e culturais e pela comunicação de massa.

Aliados a isso, à importância dos valores de um povo e de sua influência está a dissonância cognitiva. Ela, para Pérez-Nebra e Torres (2004), é responsável, por fazer o consumidor adquirir um produto ou serviço. O processo de decisão e as atitudes dos turistas costumam sofrer influência dos grupos de referência da família, de situações, da educação, dos grupos de vantagens e dos esforços do marketing. Dizem os autores que cabe ao *marketing*, uma grande parcela de responsabilidade por plantar nos sujeitos o desejo de ir e vir, de ter ou não ter.

Primeiro não podemos deixar de levar em conta que cada sujeito possui sua individualidade, isto é, as preferências são singulares. Até porque elementos de uma mesma família, com a mesma carga genética, em meio a um mesmo conjunto de crenças e mitos familiares, por exemplo, interpretam uma mesma informação de modo diverso. O mesmo ocorre num grupo de estudantes que visita um lugar. Os sentimentos e sensações variam de pessoa a pessoa.

O perfil dos turistas tem sido uma área de muitos estudos, a exemplo da obra de Swarbrooke e Horner (2002) que aborda o comportamento do consumidor no turismo. A obra contempla vários assuntos desde os conceitos inerentes ao comportamento do consumidor, o processo de tomada de decisão na escolha de um destino, passando pela tipologia dos turistas, indo até o futuro do comportamento do turista.

Daí a importância que deve ser dedicada às pesquisas de opinião com grupos em destinos turísticos para que, a partir das informações coletadas, se pense em estratégias para minimizar ou maximizar aspectos do destino de modo a atrair mais e causar boas impressões para os grupos. Perez-Nebra e Torres (2002) falam em ser latente a necessidade de verificação do nível de satisfação e das reais dificuldades que se apresentam no serviço turístico brasileiro. Além das boas impressões, o destino deve proporcionar conforto, bem-estar, sensação de aconchego e deve despertar o interesse em retornar ou, ao menos, em indicar aquele local para outras pessoas irem visitá-lo.

Isto significa que a satisfação tem menos repercussões ativas, quando comparada com a insatisfação, escrevem Pérez-Nebra e Torres (2002). Todavia a boa experiência fica marcada na memória e faz com que o turista fique encantado, sonhe, sinta-se pertencente ao local em que esteve. As experiências positivas sentidas pela pessoa são as que vão influenciar na formação do conceito do turista e repercutir positivamente em relação ao destino visitado.

## METODOLOGIA

O objeto de estudo é Turismo de Aventura nas modalidades Arvorismo, Escalada, Rapel e Tirolesa. O sujeito de estudo são os portadores de deficiência

visual congênita ou adquiridas participantes da pesquisa. A pesquisa é de corte qualitativo cujo interesse foi estudar a percepção dos deficientes visuais na prática do Turismo de Aventura. A observação em campo foi realizada no dia 20 de novembro de 2008. O desenho adotado foi a metodologia descritiva do tipo "estudo de caso" como opção e estratégia de investigação. Os participantes do estudo foram selecionados a partir do critério que segue. Como o turismo é decorrente de ação voluntária, a pesquisadora ofereceu através da Associação de Deficientes Visuais de Bento Gonçalves/RS, um pacote turístico de Turismo de Aventura no Alpen Park de Canela/RS, para 230 associados. Como procedimento, não foi informado se o pacote turístico teria custo aos participantes. Deste oferecimento, sete foram os deficientes visuais interessados em participar do Turismo de Aventura.

Dos sete participantes adultos, seis são do gênero masculino e um do gênero feminino e apresentam o seguinte perfil: a) Portadores de deficiência visual; b) Voluntários para participar da prática de Turismo de Aventura; c) Cinco participantes já haviam realizado atividades de Turismo de Aventura; d) Dois participantes realizaram pela primeira vez atividades de Turismo de Aventura por ocasião da experiência empírica; e e)Idade mínima de 31 anos e máxima 74 anos de idade.

A princípio a pesquisadora propôs aos participantes que suas identidades fossem preservadas, mas os aventureiros demonstraram interesse em terem suas identidades à mostra já que se tratava de um estudo importante e que traria resultados importantes não só para eles, mas para a sociedade como um todo, isso inclui, DVs e videntes de todas as partes do mundo.

As atividades de Turismo de Aventura foram o Arvorismo, Escalada, Rapel e Tirolesa, realizados no dia 04/03/2009. Nesta ocasião, a pesquisadora utilizou na coleta de informações: câmera filmadora, para fazer o registro das falas e das imagens dos DVs entrevistados; câmera fotográfica digital para registrar imagens dos participantes nas diferentes atividades.

Na coleta de informações foram utilizados os seguintes instrumentos: entrevista semiestruturada, registros de observações na atividade empírica, anotações dos relatos dos participantes pré e pós-atividades de aventura, memorial descrito e filmes e fotos de registro das atividades praticadas.

O enfoque da entrevista foi de âmbito investigatório, como instrumento para colher informações no desenvolvimento do projeto de pesquisa de corte qualitativo.

Segundo Negrine (2008), a elaboração das perguntas deve acontecer de forma criteriosa para que o investigador possa atingir os objetivos de seu estudo. Nesse sentido, a indagação de quem pergunta pode apresentar características diferentes, isto é, uma pergunta pode ser aberta ou fechada. Para as perguntas abertas, devemos dispor de muito tempo para transcrever as respostas, categorizá-las e interpretá-las, já as perguntas fechadas, em contrapartida, somente permitem respostas restritas.

O Memorial Descritivo foi outra forma metodológica utilizada e considera-se adequada ao estudo, já que os participantes são indivíduos que gostariam de praticar ou já praticam a modalidade de turismo de aventura. O memorial descritivo é na opinião de Negrine (2008) uma descrição com muitos pormenores de uma realidade vivida, ele é revestido de subjetividade.

O último instrumento de coleta de dados utilizado foi a Observação, que como fenômeno da consciência possibilita o entendido de cada uma das funções pelas quais o homem e os animais recebem e percebem a impressão dos objetos externos através da visão, audição, olfato, gosto e tato. Num processo investigativo, a observação constitui-se num instrumento valioso na pesquisa qualitativa.

As estratégias utilizadas na observação foram: entrevista semiestruturada; o observador foi passivo; a observação foi individual, daí o motivo pelo qual foi utilizado o estudo de caso; e realizada em local concreto.

Seguindo este formato, as atividades como Arvorismo, Escalada Rapel, e Tirolesa foram realizadas no Alpen Park na cidade de Canela.

A empresa Atitude que se colocou à disposição para participar do projeto já tem experiência de mais de 10 anos com atividades de aventura. A empresa sediada na cidade de Canela opera no Alpen Park.Também esteve acompanhando as atividades o graduando de educação física Marcio Garbuio que é guia de aventura e ainda coordenador voluntário do departamento de esportes da ADVBG (Associação dos Deficientes Visuais de Bento Gonçalves). Para apurarmos as informações, tivemos um conjunto de ações seqüenciais e para ordenarmos as atividades todos os participantes praticaram em conjunto uma atividade por vez. A primeira foi o

Arvorismo, seguida da Tirolesa, logo após o grupo se dividiu em dois, conforme o interesse de cada participante. Um grupo optou pelo Rapel e outro pela Escalada. O grupo também foi agraciado pela administração do Alpen Park com passeio de trenó, o produto âncora do Park.

**ANÁLISE**

Os participantes foram entrevistados pela pesquisadora, que indagou o que os havia levado a praticar "turismo de aventura" e as expectativas que tinham com a prática. Everaldo (DV adquirido) disse: "O que me levou a praticar turismo de aventura foi a vontade de ter um maior conhecimento em relação a este tipo de atividade esportiva e a superação de novos desafios. A expectativa inicial era curiosidade e medo". De um lado, o entrevistado buscava superar-se ao realizar a atividade mesmo sendo portador da deficiência, por outro, angústia gerada pelo preconceito que tinha em relação ao esporte de aventura. Depois de realizar a atividade, tomou consciência da segurança que a prática desta atividade oferece.

Bruno (DV adquirido) respondeu ao mesmo questionamento dizendo que "as expectativas eram as dúvidas em relação ao perigo que poderia correr". E complementou dizendo que "após a realização das atividades tive uma sensação de vitória e senti o sabor de ter superado algo". Argumentou que o sabor de superação para o DV que não enxerga, é um valor indescritível com palavras, face ao sentimento de ter enfrentado a altura, a velocidade, a sensação de perigo e muito mais. Quanto à decisão de praticar o turismo de aventura, foi enfático em dizer que tinha confiança nos instrutores e equipamentos.

Mauro (DV adquirido), antes de responder aos questionamentos, disse: "não é a primeira vez que participo de atividades de aventura, fiz porque faz bem para o ego e para *o* espírito, e a minha expectativa é a de vencer barreiras e acabar com o preconceito de que o deficiente é incapaz".

Os depoimentos apresentam uma convergência significativa que é a necessidade de o portador de Deficiência Visual ter de vencer barreiras para mostrar-se uma pessoa capaz de aprender e de superar desafios e preconceitos que

ainda existem frente às deficiências. Este aspecto foi bem destacado pelos participantes praticantes de turismo de aventura.

Os participantes, quando questionados sobre as possibilidades das experiências vivenciadas, promoveram modificações na sua forma de encarar a vida. Deles obteve-se as seguintes respostas: Para o Everaldo, “a experiência elevou minha auto-estima, a a minha autoconfiança, já que me permitiu refletir que posso vencer barreiras na vida, e que quando encaradas, elas se tornam menores”. Concluiu que a prática do esporte de aventura é muito mais prazerosa e segura do que pensava, permitindo que ele se sentisse mais feliz, mais integrado e atuante no meio social.

Bruno fez o seguinte comentário: “quando cheguei a casa tomei consciência que aquele teria sido um dos dias mais importantes da minha vida, nem quando enxergava passei por tais experiências”. Disse ainda o participante: “Talvez se enxergasse teria mais medo de encarar. Depois desta linda e desafiadora experiência, me sinto mais capaz diante dos obstáculos. Ficou muito evidente minha autoconfiança. Isto tudo me abriu um horizonte de possibilidades até então não pensada por mim. Indico e recomendo para os amigos e quero me tornar um praticante“.

Egídio afirmou o seguinte: “me sinto como se enxergasse de novo, pois a adrenalina é muito grande, ao final das atividades me senti muito bem comigo mesmo. A Autoestima aumentou muito. Só tenho a agradecer a estas pessoas que proporcionam esta experiência a um deficiente como eu!”.

João ao falar de sua experiência e suas expectativas relatou: “O que eu conhecia era o que havia praticado no exército. Nós fazíamos como treinamento, mas não sabia que a gurizada estava fazendo isso para se divertir. Fiquei um pouco preocupado, é que quando falaram da altura, eu como já um dia enxerguei, entendi o que estavam dizendo. É bem alto mesmo, mas a gente tem que ter coragem, não tive muito medo, só preocupação. A gurizada explicou como nós estaríamos seguros e eu confiei neles”. E depois? “Bah! Maravilhoso que sensação gostosa na Tirolesa o vento batendo no rosto, aquele cheirinho de mato úmido e molhado. Tinha que fazer de novo para poder sentir melhor, é muito rápido.”

E o Arvorismo, pergunta a entrevistadora? Ele responde: “É muito interessante, quando você está começando a aprender uma trilha já muda para outra. É uma surpresa atrás da outra, dá até para perceber os passarinhos passando perto da gente, disse o entrevistado. Mas na prática da Escalada quase que desisti, como eu não enxergo, tinha que ficar tateando, procurando onde estavam as pedras (agarras). E você sabe, a gente não é mais guri né, e fica cansado, mas tu viu não é? O veio aqui bateu muito guri novo, fui o único que bati o sino. Você filmou?” “E arrematou dizendo: “Antes eu tinha medo de bater num poste, de me machucar na rua. “Agora eu bato no poste, derrubo um orelhão e vou embora”.

Mauro opinou que apesar da deficiência visual ser uma constante em suas vidas, acreditava que sempre serão capazes de superar novos desafios. Com base nos depoimentos aqui transcritos se pode inferir que o cego à medida que vai adquirindo autoconfiança, perde progressivamente o medo de se exteriorizar corporalmente, retração que ocorre com aqueles que são acometidos de cegueira.

Dentre as quatro experiências de prática de aventura as quais foram submetidos os portadores de Deficiência Visual, foi possível constatar que houve um consenso ao elegerem o Arvorismo e a Tirolesa como as práticas mais interessantes.

Everaldo opinou que as duas práticas provocaram a produção de adrenalina na medida certa para o seu gosto. Bruno comentou que sua preferência pelo Arvorismo e a Tirolesa de deu pelo fato de ser um desafio de resistência e equilíbrio corporal.

A prática do turismo de aventura fez com que os deficientes visuais participantes do estudo ampliassem suas percepções sobre outras questões. Por exemplo, Bruno relatou o seguinte: “percebi a curiosidade das pessoas pelo turismo de aventura, e o comentário que ouvia das pessoas era de que se ele (cego) pode, eu também posso”. Isto demonstra que a ansiedade desencadeada pelos videntes, não é diferente daquelas que os cegos sentiram antes das práticas de aventura.

João fez questão de destacar o seguinte: “Me senti importante, tinha assunto a mais para contar. Falar coisas diferentes que muita gente que enxerga não tem coragem de fazer”.

Para Juliana que declarou que não tem dificuldades de fazer amizades, as atividades de aventura, fizeram com que tivesse que ouvir, encorajar e dar força uns aos outros e confiar no grupo de instrutores. Everaldo, disse que do ponto de vista social houve um ganho nas relações com as outras pessoas, sejam DVs ou videntes, pois acredita que aumentaram as relações interpessoais, intrapessoais e de confiança no outro.

Os participantes também foram questionados sobre a existência de dificuldades e/ou impedimentos para realizarem turismo de aventura. Frente ao questionamento, Everaldo respondeu que não teve grandes dificuldades, porque os instrutores passaram as informações para que ele se sentisse seguro.

Quando questionados se seria necessário alguma adaptação ou modificação para facilitar a prática das modalidades praticadas, Mauro respondeu que no seu entender todas as atividades foram bem planejadas e estruturadas. Disse que a única dificuldade que sentiu foi realizar a prática do Arvorismo, uma vez que era algo novo para ele, que logo superou as dificuldades iniciais. João comentou que não fora necessário nenhum tipo de adaptação, uma vez que o instrutor explicou muito bem o que deveriam fazer. Tais procedimentos adotados por parte dos instrutores fez com que ainda aumentasse a sensibilidade, a atenção e melhora da atividade mental.

Estas informações atestam cada vez mais que o Turismo de Aventura também podem ser praticado por pessoas com deficiência. Tal perspectiva fortalece a posição de que com determinação e força de vontade as barreiras sejam de que natureza for pode ser vencidas. As atividades de aventura, realizadas na natureza, estimulam a autossuperação, o trabalho em equipe, o desenvolvimento do equilíbrio corporal, a ampliação das capacidades coordenativas e de autorrealização das pessoas que praticam estas atividades. O Turismo de Aventura é uma segmentação da atividade turística que prioriza o contato com a natureza através de atividades físicas individuais ou em pequenos grupos e pode ser utilizada por pessoas portadoras de diferentes deficiências, uma vez que os processos de segurança são determinantes para a realização das atividades.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando os sujeitos do estudo e o contexto que foi investigado, o problema que se apresentava era: Qual a percepção pessoal do deficiente visual quando pratica turismo de aventura nas modalidades de arvorismo, escalada, rapel e tirolesa?

Verificou-se que para a prática das modalidades de turismo de aventura estudadas, não houve a necessidade de adequações especiais de infraestrutura para os deficientes visuais realizarem as atividades.

Todavia, a prática das atividades de aventura com deficientes visuais necessitou de uma adequação de comunicação das informações, o que não se faz necessário quando o praticante é vidente. A prática das atividades de aventura com deficientes visuais requer explicações mais detalhadas e contatos táteis com os equipamentos, para que cada participante possa formar imagem mental.

Na prática do Arvorismo, especificamente, os gestores da operadora acharam por bem colocar um guia para cada Dv. Este procedimento foi mais uma estratégia de segurança da operadora, uma vez que tanto os Dvs quanto a empresa não haviam tido experiências anteriores nesta modalidade. Após a realização da atividade, tanto os Dvs participantes, quanto os guias, concluíram que não havia necessidade para tal medida.

Sentimentos de realização, prazer, alegria, companheirismo e elevação da autoestima foram sensações expressadas pelos participantes, tanto pelos portadores de deficiência congênita como adquirida.

Na percepção dos turistas deficientes visuais a prática do Turismo de Aventura é uma relevante alternativa de lazer e de desenvolvimento intra e interpessoal, tendo reflexos positivos no cotidiano dos portadores de deficiência visual. O fato de terem contato com a natureza e praticarem atividades tidas como difíceis e perigosas para o senso comum, geram neles um sentimento de capacidade de realização, de melhoria da autoestima, e a possibilidade de participar de forma integrada com videntes desta modalidade de turismo.

Importante também destacar que dentro dos segmentos do turismo, o deficiente visual participa sempre como sujeito passivo, portanto há sempre um

intérprete entre o DV e o atrativo, pois em sua maioria os estímulos do turismo são na sua maioria visuais.

Finalmente, considerando o resumido número de participantes portadores de deficiência visual que participaram da pesquisa, que não deixa de ser uma limitação do estudo, o Turismo de Aventura, como um segmento turístico, mostrou-se como alternativa turística positiva aos deficientes visuais, uma vez que na realização das atividades, o portador é um sujeito ativo, no sentido em que desfruta das emoções e sentimentos por si só, sem a necessidade de um interlocutor.

## REFERÊNCIAS

ABETA – Associação Brasileira de Empresas de Turismo de Aventura. **Informativo Promoção da Acessibilidade em Equipamentos, Atrativos e Serviços Turísticos**. Brasília, 2006.

FARAH, S. D. **Políticas de Incentivo ao Turismo de aventura no Brasil: O papel do Ministério do Turismo**. In: UVINHA, R. R. (Org.). Turismo de Aventura: Reflexões e Tendências. São Paulo: Alphen, 2005, p. 25-42.

GASTAL, Susana. **Turismo, Imagens e Imaginários.** São Paulo: Aleph, 2005.

MACHADO, Álvaro. **Ecoturismo: Um Produto Viável - A Experiência do Rio Grande do Sul.** SENAC, 2005.

MELO, C. P. **Pessoas Deficientes: Algumas Coisas que é Preciso Saber.** São Paulo: Conselho Estadual para Assuntos da Pessoa Deficiente, 1986.

MTur - **Regulamentação Normatização e Certificação em Turismo de Aventura** – Relatório Diagnóstico – Brasília, 2005.

NEGRINE, A. Instrumentos de Coleta de Informações nas Pesquisas Qualitativas. In: Molina Neto, V. **A Pesquisa Qualitativa na Educação Física: Alternativas Metodológicas.** Porto Alegre: Sulina Editora da UFRG, 2.ed, 2004.

OMT, Organización Mundial Del Turismo. **Agenda para a Planificadores Locales: Turismo Sostenible y Gestión** Municipal.Madri: Edición para AmericaLatina y El Caribe, 1999.

PEREZ, A. R. e TORRES, C. V., **Imagem do Brasil como Pais de Destino Turístico: Uma Pesquisa da Psicologia do Consumidor**. Turismo: Visão e Ação, 2001/2002.

RODRIGUES, A. **Psicologia Social.** Rio de Janeiro: Vozes, 1979.

SWARBROOKE, John. **Turismo de Aventura: Conceitos e Estudos de Casos**. 1.ed. Rio de Janeiro: Campus, 2003.

VYGOTSKI, L. S. **El Ninho Ciego**. In: Obras Escogidas V. Fundamentos de Defectología. Madrid: Visor Dis. S.A., p. 99-113, 1997.